

---

# A PLATAFORMA YOUTUBE E O CONTEXTO COMUNICATIVO DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS CONTEÚDOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

---

YOUTUBE AND THE COMMUNICATIVE CONTEXT OF EDUCATION: A  
STUDY ON SOCIAL SCIENCES CONTENTS

LA PLATAFORMA YOUTUBE Y EL CONTEXTO COMUNICATIVO DE LA  
EDUCACIÓN: UN ESTUDIO SOBRE CONTENIDOS EN CIENCIAS  
SOCIALES

**Henrique Fernandes Alves Neto<sup>1</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/0422531962673004>

<https://orcid.org/0000-0002-0371-0302>

**Ileizi Fiorelli Silva<sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/4575417876701950>

<https://orcid.org/0000-0002-8744-9120>

**RESUMO:** Este artigo apresenta o estudo sobre os conteúdos das Ciências Sociais presentes em vídeos no YOUTUBE. Tendo os modelos analíticos de Basil Bernstein (1996) sobre o dispositivo pedagógico como método teórico, elaboramos a hipótese sobre a existência de um novo código pedagógico, sendo este a expressão de uma nova gramática que orientaria as práticas e discursos relacionados à educação nas primeiras décadas do século XXI. Começamos a pesquisa investigando os princípios dominantes que estruturam o dispositivo pedagógico do século XXI através de alguns conceitos, tais como: capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020), colonialismo de dados (Couldry e Mejias, 2019; Kwet, 2017, 2019), performatividade e conhecimento governante (Ball, 2020). Como estratégia metodológica para observar a ação desses princípios, analisamos 100 vídeos do Youtube encontrados com a utilização da ferramenta YouTube Data Tools a partir de dez termos retirados dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, que nos levou a sete tipos ideais de vídeos agrupados desde dez canais do Youtube. Demonstramos como os princípios dominantes agem na estruturação do dispositivo pedagógico apresentando um termo nos diferentes canais e tipos de vídeos. A análise revela a presença de um currículo de coleção nos vídeos, ou seja, conteúdos próprios das ciências sociais e da disciplina escolar sociologia. No momento da coleta desses dados estava em

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia do Instituto Federal do Paraná (IFPR) no Campus de Ivaiporã-PR. Doutor em Sociologia pela UEL (2023). E-mail: [henrique.alves@ifpr.edu.br](mailto:henrique.alves@ifpr.edu.br).

<sup>2</sup> Professora Sênior do Mestrado Profissional de Sociologia (Profsocio) e do Programa de Pós Graduação de Sociologia (M/D) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em Sociologia pela USP (2006). E-mail: [ileizi@uel.br](mailto:ileizi@uel.br).

curso a Reforma do Ensino Médio e pudemos cotejar com algumas mudanças importantes que poderão modificar os conteúdos presentes no YOUTUBE nos próximos anos.

**Palavras-Chave:** Plataformização; ensino de sociologia; produção audiovisual; recontextualização; digitalização.

**ABSTRACT:** This article examines the representation of Social Sciences content in YOUTUBE videos. By employing Basil Bernstein's (1996) analytical models on the pedagogical device as a theoretical method, the authors propose the existence of a new pedagogical code, characterized by a distinct grammar that could shape the educational practices and discourses in the first decades of the 21st century. The study begins by investigating the dominant principles underpinning the contemporary pedagogical device, drawing on concepts such as surveillance capitalism (Zuboff, 2020); data colonialism (Couldry & Mejias, 2019; Kwet, 2017, 2019); performativity and the governance of knowledge (Ball, 2020). As a methodological approach, the authors analyzed 100 YouTube videos found using YouTube Data Tools. These videos were selected based on ten search terms derived from textbooks included in the 2018 National Textbook Program (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD). The analysis yielded seven ideal types of videos distributed across ten YouTube channels. The study demonstrates how dominant principles structure the pedagogical device by tracing the presentation of specific terms across different video types and channels. The findings reveal the presence of a collection curriculum in these videos, featuring content specific to Social Sciences and Sociology as academic subjects. The research also contextualizes these findings within the High School Reform (Reforma do Ensino Médio) that was underway at the time of data collection, highlighting potential shifts in content delivery on YouTube in the years ahead.

**Keywords:** Platformization; teaching of sociology; audiovisual production; recontextualization; digitalization.

**RESUMEN:** Este artículo presenta el estudio de contenidos de Ciencias Sociales presentes en videos en YOUTUBE. Utilizando como método teórico los modelos analíticos de Basil Bernstein (1996) sobre el dispositivo pedagógico, elaboramos la hipótesis sobre la existencia de un nuevo código pedagógico, que es la expresión de una nueva gramática que guiaría las prácticas y discursos relacionados con la educación en la primera. décadas del siglo XXI. Iniciamos la investigación indagando en los principios dominantes que estructuran el dispositivo pedagógico del siglo XXI a través de algunos conceptos, tales como: capitalismo de vigilancia (Zuboff, 2020), colonialismo de datos (Couldry y Mejias, 2019; Kwet, 2017, 2019), performatividad. y gobernar el conocimiento (Ball, 2020). Como estrategia metodológica para observar la acción de estos principios, analizamos 100 videos de YouTube encontrados mediante la herramienta YouTube Data Tools a partir de diez términos tomados de libros de texto del Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD) 2018, lo que nos llevó a siete tipos ideales de videos. agrupados a partir de diez canales de Youtube. Demostramos cómo los principios dominantes actúan en la estructuración del

dispositivo pedagógico apresentando un término en diferentes canales y tipos de vídeos. El análisis revela la presencia de un currículum recopilatorio en los vídeos, es decir, contenidos propios de las ciencias sociales y de la asignatura escolar sociología. Al momento de recopilar estos datos, la Reforma de la Escuela Secundaria estaba en marcha y pudimos comparar algunos cambios importantes que podrían modificar el contenido presente en YOUTUBE en los próximos años.

**Palabras-Clave:** Plataformización; enseñanza de sociología; producción audiovisual; recontextualización; exploración.

## INTRODUÇÃO

A proposta teórica de Basil Bernstein (1996) é construir um modelo que seja capaz de explicar o que é a educação. Por mais ambicioso que seja, esse projeto se tornou possível na medida em que ele diferencia a sua empreitada de outras já existentes no campo da Sociologia da Educação. Bernstein (1996) evidencia a diferença da sua proposta: em vez de se debruçar na premissa de que a educação é um condutor de relações sociais externas a ela (classe, gênero, raça, poder), deve-se compreender o que realmente é esse condutor, ou seja, a comunicação pedagógica. Descrever e analisar a comunicação pedagógica exige a reflexão sobre o dispositivo pedagógico, pois é o *locus* no qual estão as regras estáveis que atuam sobre um potencial significativo pedagógico.

Neste artigo<sup>3</sup>, consideramos a plataforma digital Youtube como um espaço contexto comunicativo - portanto, espaço de comunicação pedagógica - com princípios de classificação e enquadramento particulares, assim como de princípios interativos e localizacionais. O Youtube recontextualiza a gramática do dispositivo pedagógico de uma maneira específica e distinta das instituições tradicionais de educação, a saber, escolas e universidades, porém, parte de um pressuposto comum com os outros campos de recontextualização, uma vez que todos eles dialogam com os princípios dominantes do dispositivo pedagógico.

---

<sup>3</sup> Este artigo é a apresentação de uma parte da pesquisa reformulada desde a tese de doutorado defendida no PPGSOC da UEL e desenvolvida no âmbito do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia (LENPES) do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), da associada Universidade Estadual de Londrina (UEL). Conferir: ALVES NETO, Henrique Fernandes. As Ciências Sociais no complexo internetico: um estudo de recontextualização nos vídeos do Youtube. 2023. 221f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2023.

Frente a essa proposta, o novo desafio que se apresenta para as pesquisas em Sociologia da Educação é a interconexão entre educação e plataformas, especificamente as digitais. Assim como definiu Srnicek (2016, p. 27).

Plataformas, em síntese, são um novo tipo de empresa; se caracterizam por proporcionar a infraestrutura para intermediar diferentes grupos de usuários, exibindo tendências de monopólio através dos efeitos de rede, utilizando subsídios cruzados para capturar diferentes usuários e por ter uma arquitetura central estabelecida que controla as possibilidades de interação.<sup>4</sup> [tradução nossa].

Para entender essas diferenças e nuances elaboramos o seguinte quadro conceitual:

**Quadro 1** - Formulações teóricas sobre a construção do código do discurso pedagógico

	<b>Formulações teóricas</b>
1 <sup>a</sup>	A divisão social do trabalho é a base do manejo da distribuição de poder e dos princípios de controle
2 <sup>a</sup>	A localização da categoria na divisão social do trabalho determina princípios de classificação que, a partir do grau de isolamento, estabelece regras de reconhecimento capazes de criar uma voz específica para aquela categoria
3 <sup>a</sup>	As relações intra-categorias são organizadas a partir dos princípios de enquadramento que, em última instância, dão as diretrizes para a elaboração das mensagens.
4 <sup>a</sup>	O contexto comunicativo, com seus princípios interativos e localizacionais, é o espaço de materialização do código e do encontro entre os princípios e a sintaxe do discurso pedagógico

**Fonte:** elaborado a partir de Bernstein, 1996

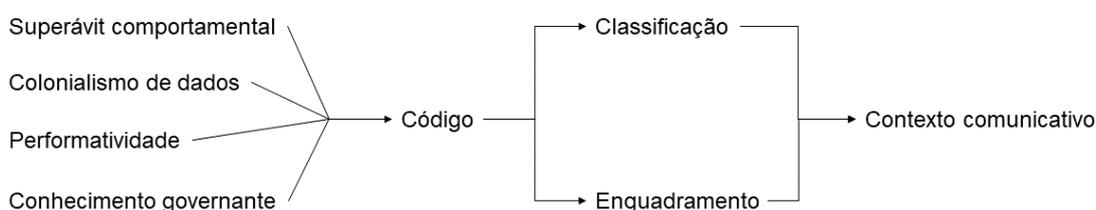
Através dessas formulações, o referido artigo pretende evidenciar a gramática do código digital criado por um dispositivo pedagógico inédito, nascido no século XXI e detentor de novos princípios dominantes ainda não evidenciados a partir da análise de vídeos de Ciências Sociais publicados no Youtube. Para isso, num primeiro momento, iremos desvelar quais são esses princípios, a saber, capitalismo de vigilância, colonialismo de dados e performatividade e conhecimento governante. No segundo momento, analisamos cem vídeos no Youtube como exercício de reflexão e apreensão destes princípios em recontextualização. Por fim, indicamos desdobramentos futuros destes princípios na determinação de currículos nacionais e internacionais.

<sup>4</sup> “Platforms, in sum, are a new type of firm; they are characterised by providing the infrastructure to intermediate between different user groups, by displaying monopoly tendencies driven by network effects, by employing cross-subsidisation to draw in different user groups, and by having a designed core architecture that governs the interaction possibilities” (SRNICEK, 2016; p. 27)

## A GRAMÁTICA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

A estrutura do discurso pedagógico do século XXI pode ser explicada pelo superávit comportamental, pelo colonialismo de dados, pela performatividade e pelo conhecimento governante que sustentam o código dominante para a classificação e o enquadramento no texto comunicativo.

**Figura 1** - Estrutura do código do discurso pedagógico no século XXI



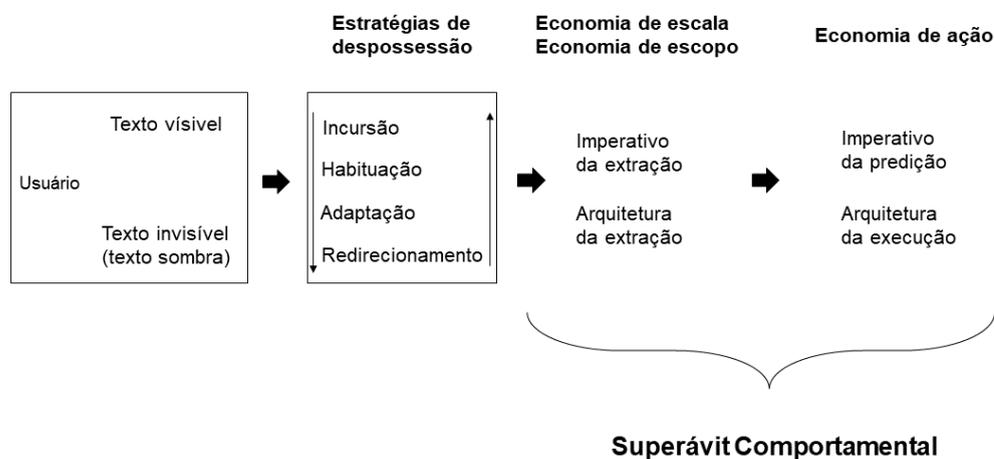
**Fonte:** elaborado pelos autores.

Os princípios que compõem o código são estabelecidos pelo dispositivo pedagógico dominante, como falamos acima. Segundo Bernstein (1996) “um código é um princípio regulador, adquirido de forma tácita, que seleciona e integra significados relevantes, formas de realização dos mesmos e contextos evocadores” (p. 27). Na ilustração, eles estão localizados ao lado esquerdo do código. Cada um deles se desdobra em abordagens teóricas individuais, porém conectadas. A função do código, além de manifestar um dispositivo pedagógico, é balizar o discurso pedagógico na produção de práticas, de contextos e de textos. Portanto, os campos de contextualizações e recontextualizações se pautam nesse código antes de produzir seus discursos. Uma das dificuldades de encontrar o código é que, ao estruturar o discurso, ele desaparece na manifestação do discurso, ou seja, ele fica implícito. Para explicitar o código, faz-se necessário desvelar os princípios que o compõe. E é isso que faremos com o código denominado por nós de digital, pois diz respeito a atual conjuntura.

Começemos com o conceito de *superávit comportamental* de Shoshana Zuboff (2020). A autora considera que, com o avanço das tecnologias de comunicação e digitalização, vivemos em uma nova etapa do modo de produção capitalista, com uma nova configuração dos agentes, agências e de recursos utilizados para a produção de mercadorias. Este novo

contexto é chamado de capitalismo de vigilância. Na sua principal obra, Zuboff (2020) apresenta o modelo de negócio da Google como paradigma do novo capitalismo, uma vez que é que todas as outras empresas de tecnologias irão replicar as estratégias de obtenção de sobrevalor que ela estabelece. Ao longo das páginas do livro, Zuboff (2020) descreve em detalhes os fatos históricos, os casos jurídicos e o desenvolvimento econômico que envolve a Google. Para os objetivos deste artigo, precisamos dar ênfase nos elementos que estruturam esse princípio dominante que irá aparecer no dispositivo pedagógico.

**Figura 2** - Dimensões da estrutura de ação do capitalismo de vigilância



**Fonte:** elaborado pelos autores com base em Zuboff (2020).

Segundo Zuboff (2020), antes da descoberta do *superávit comportamental* - nome que ela dá ao processo de obtenção de lucro a partir dos dados dos usuários - os dados obtidos do comportamento dos usuários na utilização de serviços na internet ou em plataformas, eram apenas utilizados para o aperfeiçoamento da própria ferramenta. Quanto mais dados, melhores os parâmetros que os algoritmos possuem para refinar seus resultados e procedimentos. Os dados são capturados através da textualização eletrônica, que nada mais é do que transformar aquilo que é analógico em digital, seja por meio de sensores, de computadores ou de situações mediadas por dispositivos eletrônicos. Esse objetivo é alterado quando, segundo Zuboff (2020), descobriu-se a obtenção de valor com o comportamento das pessoas, ou “ciclo de reinvestimento do valor comportamental”.

Quando esses comportamentos humanos são transformados em textos eletrônicos, o poder de capturar, interpretar e analisar está nas mãos de quem possui a capacidade de ler este

tipo de texto. Ou seja, a textualização eletrônica indica uma nova gramática restrita apenas àqueles que possuem os meios de compreender esta escrita. A textualização eletrônica é a forma pela qual as GAFAM (acrônimo utilizado para se referir às principais empresas de tecnologia do mundo: Google, Amazon, Facebook [Meta], Apple e Microsoft) conseguem monopolizar os recursos discursivos do século XXI no capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020, p. 97).

Uma vez que o objetivo dessas empresas é obter cada vez mais dados, considerando a Google um exemplo a ser seguido, existem estratégias de captura que envolvem economias específicas. Para despossuir o indivíduo do seu comportamento digital, são realizadas ações arquitetadas em torno dos princípios de escala (quanto mais, melhor), de escopo (quanto mais variado, melhor) e de ação (quanto mais preditivo, melhor). E é nesse ínterim que aplicativos são criados, serviços são dispostos gratuitamente, soluções digitais são vendidas como revolucionárias, equipamentos eletrônicos são construídos com a ideia de facilitar os desafios cotidianos, e as mais variadas estratégias. Neste sentido, Zuboff (2020, p. 18-19) define o capitalismo de vigilância como o mercado de comportamento futuros, pois os capitalistas acumulam dados dos comportamentos humanos em uma escala exponencial.

A partir de toda essa exposição, podemos identificar o superávit comportamental como sendo um dos princípios dominantes que organizam a produção do dispositivo pedagógico. Esse princípio indica uma mudança na organização do capitalismo, de um tipo (industrial) para outro (vigilância). Em outro nível de análise, há uma troca de importância, do campo de produção para o campo de controle simbólico.

Sobre a existência desses dois campos, Bernstein (1996) considera que é necessário observar mais atentamente os processos e as relações sociais que aproximam a educação da divisão social do trabalho. Existem duas faces da divisão do trabalho social: a produção e o controle simbólico. Bernstein (1996, p. 188) define o campo de controle simbólico como “um conjunto de agências e agentes que se especializam nos códigos discursivos que eles dominam. Esses códigos de discurso, de formas de se relacionar, de pensar e de sentir especializam e distribuem formas de consciência, relações sociais e disposições”.

Assim como todo campo, existem agências e agentes que povoam e estabelecem relações de poder dentro dele. Essas relações visam o controle e domínio dos códigos de produção (recursos físicos), no caso do campo de produção, e dos códigos discursivos (recursos discursivos), no que se refere ao campo de controle simbólico. No tocante ao primeiro campo, os agentes e agências são aqueles de funções gerenciais, tecnológicas,

administrativas e financeiras, sempre voltados para os códigos de produção: por exemplo, há uso de CEOs de empresas de tecnologia. No segundo campo, os agentes e agências atuam na produção ou se especializam no controle simbólico em si: por exemplo, sacerdotes, médicos, cientistas, trabalhadores sociais, gerentes de pessoal, todas essas funções podem ser realizadas em ambos os campos (BERNSTEIN, 1996, p. 191). O cenário geral, portanto, é a existência de agências e agentes que estão enraizados em um dos campos da divisão social do trabalho.

O interessante, segundo Bernstein (1996), é a possibilidade dos agentes e agências atuarem em campos diferentes daqueles em que estão enraizados: agentes que representam agências do campo da produção criam programas de ação voltados para o campo de controle simbólico. Por exemplo: a Alphabet e suas ações de cunho cultural/educacional. Nesse caso, verificamos um imbricamento de funções que fazem a divisão social do trabalho complexa. Os agentes e agências enraizados no campo da produção possuem um *modus operandi*, uma concepção e consciência distintas das que estão enraizadas no campo do controle simbólico (BERNSTEIN, 1996, p. 197)

Tomando o exemplo acima, existe uma chance muito grande das decisões voltadas para o controle simbólico serem tomadas com base em valores e princípios do campo da produção, ou seja, com base no princípio de superávit comportamental.

Fazendo uma relação com o modelo das regras distributivas de Bernstein, o conhecimento sobre o texto eletrônico, advindo do comportamento humano por meio da renderização da vida, é um dos códigos discursivos mais importantes para o capitalismo de vigilância. As agências de controle simbólico que o dominam ditam as práticas, valores e sentidos na conjuntura. Como vimos, esse código discursivo está pautado no princípio do superávit comportamental, que implica em um conjunto de arquiteturas para sua realização. A Google é uma das empresas vanguardistas dessa nova configuração da realidade social na qual o campo de controle simbólico conquista uma hegemonia sobre as regras distributivas do dispositivo pedagógico.

A partir do conceito apresentado, é possível evidenciar o argumento de que há um monopólio na gestão do digital. As grandes corporações, em sua maioria multinacionais localizadas nos Estados Unidos, especificamente no Vale do Silício, capturam, armazenam, processam dados, bem como constroem e controlam a infraestrutura necessária para o complexo digital acontecer. Nesse caminho, alguns autores traçam paralelos e percebem continuidades entre um processo que acompanha o desenvolvimento do modo de produção capitalista desde seu início: o colonialismo.

Nos últimos anos, os autores que estudam e identificam a existência do colonialismo são Michael Kewt (2017, 2019), Nick Couldry e Ulisses A. Mejias (2019).

Tanto Couldry e Mejias (2019) quanto Kewt (2017; 2019) destacam que, ao utilizarem o termo “colonialismo” para se referir ao processo que ocorre no século XXI, não o fazem para diminuir ou apagar os fatos ocorridos no século XIX, pelo contrário, demonstram como há continuidades entre os dois momentos históricos e como são embalados pelos mesmos objetivos: o aumento de lucros, a expansão de mercados (fornecedores e consumidores) e o fortalecimento do modo de produção capitalista. Se no colonialismo histórico o objetivo é a conquista de terras e os recursos ali presentes (matéria-prima e seres humanos) explorados por meio de relações de trabalho, no colonialismo de dados, a expansão do capital se dá sobre a vida humana; é a *apropriação da vida humana em forma de dados* visando lucro. Essa é a novidade deste novo momento do colonialismo: a vida humana passa a ser vista como matéria-prima, da mesma forma que a força de trabalho ou a natureza foi percebida em períodos anteriores.

Couldry e Mejias (2019) afirmam que, no cerne/centro do colonialismo de dados, está o que eles chamam de “relações pautadas em dados” (*data relations*). Todos somos usuários de algum serviço ou produto oferecido por alguma plataforma. As nossas ações realizadas dentro desse ambiente específico são monitoradas com vistas a captura dos resíduos para posterior processamento e criação de *superativ comportamental*.

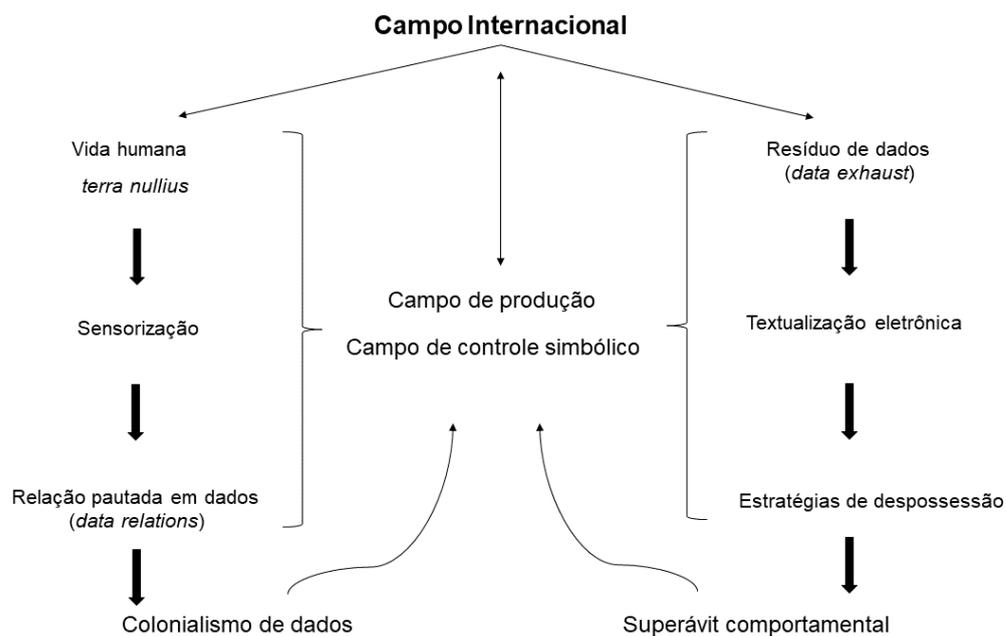
Nesse percurso, são os dados, resultado das interações e das relações entre os usuários e a plataforma, que interessam: “Relações pautadas em dados dão às corporações uma janela privilegiada para o mundo das relações sociais e um controle privilegiado nos níveis de diferenciação social” (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 13, tradução nossa). Esse controle advém da concentração de tecnologias em torno das *Big Tech* ou, especificamente, das *Big Five* (GAFAM). Tudo o que ocorre no ambiente digital passa, de alguma forma, por uma dessas corporações, seja em relações comerciais ou até nos vídeos que assistimos para entretenimento.

Isto posto, segundo Couldry e Mejias (2019), há uma continuidade entre o colonialismo histórico e o chamado colonialismo de dados. As semelhanças estão na infraestrutura de dominação construída nos dois momentos históricos. A novidade, e por isso é atribuído um nome a esse momento, é de que, em vez da conquista de terras e recursos naturais, é a própria vida humana que será alvo de controle e monopólio. Como isso será realizado? Por meio da transformação do fluxo do comportamento da vida humana em dados

ou, nos termos dos autores, as relações pautadas em dados. O objetivo da dataficação da vida é obter lucro com o armazenamento, processamento e produção de resultados, sendo que todos esses processos, em sua maioria, são realizados por grandes corporações, intitulada pelos autores de setor de quantificação social. Essas corporações buscam aumentar a quantidade de dados a todo momento para aprimorar seus cálculos de quantificação algorítmica, com vistas a uma capacidade preditiva cada vez mais refinada e certa. O processo de captura de dados, portanto, extrapola o ambiente virtual e on-line, alcançando toda e qualquer ação humana e não-humana que ocorra no “mundo real”. Os autores chamam essa ação de cache social.

É possível aproximar a teoria de Bernstein (1996) com a dos autores em debate e, ainda, com Zuboff (2020):

**Figura 3 - As regras distributivas do Campo Internacional**



**Fonte:** elaborado pelos autores.

Os conceitos de colonialismo de dados e de superávit comportamental explicam os fenômenos sociais que acontecem em nível transnacional. Os efeitos dessa nova configuração social são desigualmente distribuídos, uma vez que eles são resultado de uma nova etapa do modo de produção capitalista e os desdobramentos das decisões tecnológicas tomadas nos países do Norte Global interferem na vida humana e não-humana de diferentes formas. O que

o conceito de colonialismo de dados revela é uma continuidade das formas de exploração dos séculos XVI, XVII e XVIII até os dias atuais, e pode ser complementado com o conceito de superávit comportamental para evidenciar como que esse novo tipo de espoliação acontece. Ambos os conceitos, portanto, nos ajudam a elucidar as bases econômicas, sociais, políticas e culturais que acontecem no Campo Internacional e reverberam no Campo de Produção e de Controle Simbólico Bernstein (1996, p. 274). O que mais chama a atenção nessa observação é a precisão da afirmação, feita em 1986, ano da publicação original do capítulo. Naquele contexto, fica mais evidente essa interferência do campo internacional via Banco Mundial, OCDE, FMI e UNESCO na produção do discurso pedagógico brasileiro a partir de 1990.

Esse debate foi aprofundado por Ball (2020) em *Educação Global S.A.* Na obra, o autor demonstra os ganhos que a técnica e perspectiva teórica de redes podem trazer para a compreensão de um movimento intitulado por ele como *política educacional global*.

A partir dessa concepção, há novos agentes e agências que participam na disputa de poder pela elaboração de currículos, financiamentos, validação de valores e conhecimento presentes nos sistemas educacionais dos países. Esses novos agenciamentos possuem como característica principal o fato de serem globais e utilizar de microespaços para realizar esse embate global. O que Ball (2020) considera como inédito é uma arquitetura global de relações políticas de viés educacional, compostos por novos agentes e agências, pautados por uma doutrina econômica neoliberal (e sua respectiva visão de mundo).

Quem são esses novos agentes e agências? Ball (2020) identifica algumas categorias: empreendedores de políticas individuais, nova filantropia e as *edu-businesses* (grandes conglomerados de educação e de investimento). Estes novos agentes e agências esperam por janelas de oportunidade para fazer avanços em direção às suas intenções de destruir o âmbito público e fortalecer o privado (BALL, 2020). O autor afirma que essa destruição acontece por meio de soluções rápidas e “fáceis” ou “*silver bullets*” (balas de prata) padronizadas.

Nesse caminho, uma principal categoria de agentes e agências que Ball (2020) identifica que determinam a política educacional global são as *edu-businesses* que, em uma tradução literal, seriam as empresas de negócios em educação. Elas são divididas em três tipos: as especialistas, as genéricas e as de portfólio, ou seja, aquelas que têm a educação como objetivo principal de atuação; as que conseguem atuar em diversas frentes e as que existem apenas para serem usadas para investimento de capital privado, respectivamente. Essas empresas formam um “estado sombra ao oferecerem infraestrutura, logística, materiais,

propostas pedagógicas e conhecimento sobre o processo educativo, servindo de alternativa às ofertas realizadas pelo serviço público.

Ball (2020) cita como exemplo a *Pearson Education*, a maior *edu-businesses* global. Como é citado em seu texto, mais de 30 países possuem escritórios da empresa, sendo que, no Brasil, a *Pearson* por meio do Sistema Educacional Brasileiro (SEB) “[...] adquiriu os sistemas de aprendizagem escolar do SEB (por 326 milhões de libras); isso serve 450 mil alunos de escolas públicas e privadas no Brasil” (BALL, p. 201). Empresas desse tipo e porte podem e definem o conhecimento cultural que vale a pena, ou seja, determinam os critérios do pensável e impensável do dispositivo pedagógico. Há, em virtude de seu caráter transnacional de atuação, um certo tipo de colonialismo do conhecimento, pois em todas as instituições que são posse dessas empresas terão como referência os mesmos princípios, valores e critérios. Há, portanto, uma política comercial orientada na educação na qual.

O *edu-businesses* global é de progressão rápida e mutável, ansioso por abrir novos espaços para expansão – para mercantilizar cada vez mais o social – enquanto, concomitantemente, Estados pós-crise, com problemas de liquidez em todos os lugares, constroem burocracias “mais enxutas”, implementam problemas de austeridade financeira, enquanto buscam novas maneiras de melhorar as qualificações e flexibilizar o seu capital humano. (BALL, 2020; p. 215).

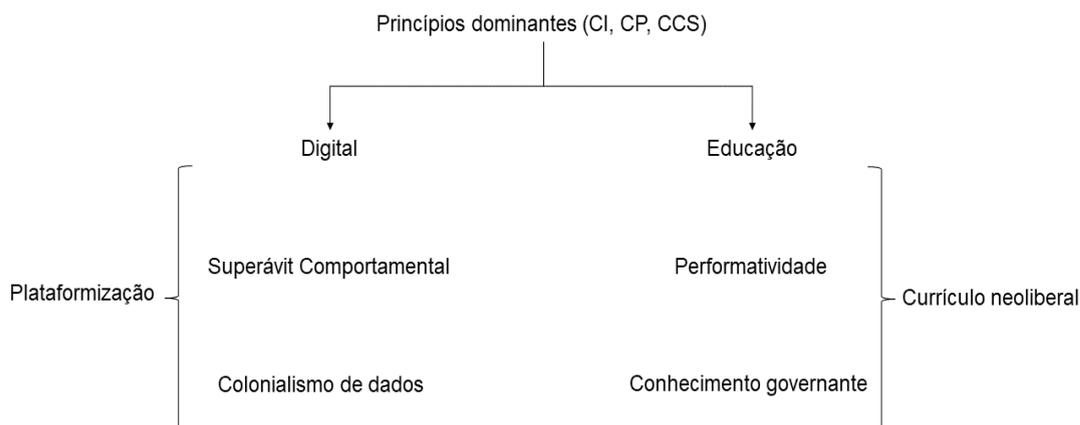
A principal forma de transformação que essas categorias de agentes e agências utilizam é a criação de um currículo neoliberal e, a partir dele com sua lógica e estrutura, realizar um conhecimento governante. O currículo neoliberal, segundo Ball (2020), é um conjunto de tecnologias morais que atuam dentro e por meio dos indivíduos, determinando suas condutas, pensamentos, esperanças e ações, a partir da noção de performatividade. A subjetividade dos indivíduos é afetada nessa abordagem. A ênfase em eficiência, aperfeiçoamento, responsabilidade individualizada, o incentivo para empreender (e fazer de si uma empresa) e a automaximização são atitudes “valorizadas” na atual conjuntura. Conforme Ball (2020, p. 67) discute, há uma sensação de insegurança ontológica que acompanha os indivíduos na atual conjuntura, pois há uma “perda do sentido do significado do que fazemos quanto a importância do que fazemos”. Um dos aspectos que favorecem essa insegurança é o processo contínuo de avaliação que a performatividade exige.

Há o que Ball (2020) identifica como uma mercantilização do conhecimento por meio de um novo tipo de governamentalidade, a do “conhecimento governante”. Uma vez que existe uma imposição da performance de um ótimo desempenho e eficiência, capaz de ser mensurada e comparada, com o intuito de alcançar um objetivo final, ganha relevância o conhecimento técnico quantitativo do processo. Empresas, tecnologias, algoritmos,

*softwares*, infraestrutura e qualquer outra dimensão que estiver envolvida no processo de acompanhar a performance dos indivíduos assume o lugar de evidência na construção do currículo neoliberal. Considerando que o “conhecimento governante” e seus dois tipos constituem a essência do currículo neoliberal, ele é colocado em pauta por uma nova rede de política de caráter global, sustentando uma política educacional global, podemos considerar que a BNCC está envolvida nesse movimento.

Podemos dizer, portanto, que existem dois grupos de princípios dominantes que organizam a educação no Brasil: a) aqueles que dizem respeito ao digital, portanto, o superávit comportamental e colonialismo de dados, e b) aqueles que dizem respeito à educação e aqui discutidos, o currículo neoliberal materializado em duas frentes, a performatividade e o conhecimento governante sintetizados na Figura 4.

**Figura 4** - Princípios dominantes do Campo Internacional (CI), Campo de Produção (CP) e Campo de Controle Simbólico (CCS)



**Fonte:** elaborado pelos autores.

Esse pacote de princípios atua de forma constante na formulação de políticas educacionais que organizam currículos, hierarquias dentro e fora da escola, estruturas de financiamento educacionais, a seleção de conteúdos e temas a serem debatidos, dentre outras dimensões e são eles que constituem o código pedagógico digital. Isto posto, podemos definir o código digital como um princípio regulador, expressão do dispositivo pedagógico do século XXI, que é constituído pelos seguintes pressupostos: superávit comportamental, colonialismo de dados, performatividade, conhecimento governante. Como esse conceito definido por nós é uma atualização da teoria de Bernstein (1996), a função do código digital é a mesma do código “modular” que ele apresenta no seu corpo teórico, a saber, modular práticas, saberes e

textos nos campos de contextualização e recontextualização. A seguir, iremos observar como esse código digital se manifesta nos vídeos publicados em uma plataforma digital, que é um dos novos contextos comunicativos da sociedade digitalizada.

## **AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO YOUTUBE: ENTRE O DIGITAL E OS LIVROS DIDÁTICOS**

Em uma sociedade submetida à plataformação de empresas privadas, o segredo em torno dos seus produtos é um constante empecilho para pesquisas e escrutínio pela esfera pública. Respaladas pela noção vaga de “segredo comercial”, as plataformas não revelam seus algoritmos, muito menos o seu funcionamento, critérios de decisão e procedimentos de análises dos dados. Essa negativa de informações foi analisada e pensada por Pasquale (2015), tornando conhecida a expressão “*black box society*” – em uma tradução literal, sociedade da caixa-preta. Ora, se há uma hegemonia de plataformas privadas, o princípio que organizará as relações sociais é o segredo, ou melhor, a caixa-preta.

Diante da dificuldade de se obter dados, Bucher (2016) argumenta que ainda há muitas pesquisas que precisam ser feitas sobre as plataformas. A expressão “caixa-preta” é gatilho para um desencorajamento. Não pesquisar o funcionamento dessas plataformas não impede de que elas continuem crescendo em poder e extensão e garantindo, ainda mais, o monopólio do ecossistema digital do século XXI. Neste caminho é que Bucher (2016) sugere três passos metodológicos para aqueles que estão diante deste objeto de pesquisa.

O primeiro deles é não temer a caixa-preta, pois não são somente as plataformas que são fechadas hermeticamente, outros objetos de pesquisa também o são e nem por isso deixam de ser estudados. O segundo passo é não acreditar que a solução da pergunta da pesquisa estará dentro da caixa-preta. Também é importante e de grande valia conhecer as fórmulas matemáticas, os códigos, as linhas de programação da plataforma, porém, não dá para dizer que isso é o algoritmo em sua totalidade. Por último, o terceiro passo é considerar os algoritmos como uma rede. Por mais que haja uma tentativa de fazer crer que o algoritmo é uma coisa única e fechada, os algoritmos funcionam numa interação viva e constante com o meio, sua comunidade e os dados obtidos pelas plataformas. Assim sendo, há uma infraestrutura complexa que os sustentam na sua ação – conforme Gillespie (2018) bem descreveu em seu artigo. Bucher (2016) finaliza o texto de forma inspiradora: “algoritmos não

são pretos nem caixas, mas muito mais cinzas, fluídos e emaranhados do que podemos pensar” (p. 94).

Analisaremos o Youtube a partir daquilo que é possível observar e extrair dos vídeos publicados pelos produtores de conteúdo. Ao selecionar canais e vídeos, buscaremos os princípios dominantes apresentados anteriormente, para, enfim, conseguir compreender como são formatados alguns dos conteúdos das Ciências Sociais nesta plataforma.

No Youtube, frente à imensa minutagem de vídeos disponibilizados constantemente, o segredo de uma boa pesquisa está nos termos utilizados para filtrar e encontrar os vídeos do interesse da pesquisa. Elaboramos algumas estratégias de testagem para, finalmente, chegar na metodologia mais coerente com nossos objetivos.

O primeiro ponto foi realizar uma decupagem conceitual nos livros didáticos de Sociologia aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018. É possível identificar o processo de recontextualização pedagógica através da análise das páginas dos livros, bem como revelar o código que orienta o discurso pedagógico de determinada realidade histórica e social. Realizamos a decupagem separando, de acordo com o sumário dos livros, os temas de cada capítulo e destacamos os conceitos tratados em cada um. Após isso, selecionamos seis termos de cada livro para realizarmos os primeiros testes de pesquisa.

A partir dos termos selecionados realizamos a busca no Youtube através do *Youtube Data Tools*, uma API que realiza uma raspagem de dados dos canais e vídeos do Youtube da forma mais “neutra” possível, ou seja, sem histórico de login, navegação, localização ou navegador. Na calibragem de metodologia utilizamos, principalmente, a função *Video List* da ferramenta, regulada para obter os cinquenta primeiros vídeos encontrados no Youtube a partir dos termos definidos na fase anterior. Ao final da raspagem de dados, tínhamos em mãos trezentos vídeos compondo o nosso banco de dados de teste. A partir destes vídeos realizamos uma análise simples dos conteúdos, formatos, assuntos e canais que compunham esse banco de dados e criamos algumas categorias que nos ajudaram na pesquisa propriamente dita.

**Quadro 2** - Tipos ideais de vídeos no Youtube

Categoria	Descrição
Escola Simulada	São vídeos que simulam uma sala de aula "tradicional", com anotações em quadro negro/branco e exposição oral de um(a) docente. Pode ou não conter informações digitais na tela, como letreiros, citações, transições e cortes.
Montagem de vídeos	Vídeos que utilizam a técnica da "voz em off" (narração) com montagem de vídeos relacionados ao tema. Essas montagens são realizadas com cortes de vídeos obtidos em plataformas de arquivos digitais (música, vídeos, fotos) ou com trecho de entrevistas, filmes e notícias.
Vlog Explicativo/Opnativo	Formato clássico, consolidado e inaugura na plataforma. São os vídeos em que o foco está na pessoa filmada, normalmente em plano médio (podendo existir cortes para outros planos de gravação), no qual ela expressa sua opinião ou explicação sobre algum assunto específico. É comum a utilização de letreiros digitais, cortes, transições, músicas e outros elementos gráficos que compõem o estilo do vídeo/canal em questão.
Vídeos animados	Os vídeos que utilizam de animações digitais ou manuais para explicar algum conteúdo.
Transmissões ao vivo	São os vídeos de transmissões ao vivo integrais ou cortes. Nestes vídeos são comuns o uso de elementos gráficos digitais.
Vídeos institucionais	Vídeos de canais de instituições sociais anteriores/externas ao Youtube, por exemplo, canais de jornais e telejornais, instituições de ensino superior, de rádios, de organizações não-governamentais e assim por diante.
Humorísticos	São vídeos que utilizam do humor para transmitir a sua mensagem. Podem ser vídeos de esquetes, de programas de televisão, de musicais, de cortes de apresentações de comédia.

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Realizado os testes, estabelecemos a seguinte estratégia metodológica: a) organizamos em formato de lista sequencial todos os conceitos destacados dos livros didáticos do PNLD 2018, totalizando 563 conceitos; b) cada conceito recebeu um número entre 1 e 563, sendo possível a repetição de conceitos na lista, visto que o mesmo aparece em mais de um livro didático; c) definimos que a seleção de 10 termos de pesquisa é o suficiente para atingir os objetivos da tese; d) utilizamos uma tabela de números aleatórios para escolher estes 10 termos; e) com os termos definidos, utilizamos o Youtube Data Tools para encontrar os vídeos em questão; f) obtivemos 500 vídeos, porém analisamos apenas os 10 primeiros vídeos de

cada pesquisa que tivessem alguma relação com as Ciências Sociais e a Sociologia escolar, totalizando 100 vídeos analisados.

Os termos sorteados foram: 1) Marx e a teoria da acumulação; 2) Formas de dominação; 3) Totalitarismos e autoritarismo; 4) Antropologia estrutural; 5) Weber e a compreensão de ação social; 6) Associações; 7) Emancipação social; 8) Mundo do trabalho; 9) Ritos de passagem e 10) Força de trabalho. Para facilitar a visualização, criamos o Quadro 3, no qual constam os nomes de todos os canais do Youtube que publicaram algum vídeo sobre um dos termos pesquisados na ferramenta *Youtube Data Tools*.

É importante explicarmos essas decisões metodológicas. Estamos procurando a atuação de um novo código. Contudo, só poderemos observar a sua gramática quando compararmos com outro código. Neste sentido, decidimos selecionar os termos de pesquisa a partir dos livros didáticos organizados pela ação de um outro discurso pedagógico, anterior ao digital. Afirmamos isso com base em pesquisas prévias de Maiçara (2017) e Souza (2017 e 2022), que destacaram como os processos de recontextualização dos conteúdos de ciências sociais de sociologia em formato de livro didático, possibilitou a criação de um currículo para disciplina de sociologia no Brasil. Souza (2022) analisa e articula os processos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e da elaboração de itens do ENEM das Ciências Humanas como dois catalisadores da criação e da circulação de conteúdo das ciências sociais na Educação Básica, especialmente no Ensino Médio. Para nossa pesquisa focamos no PNLD de 2018 que marca a última fronteira entre um currículo de coleção, ou seja, de classificação e enquadramentos fortes, determinando a existência de disciplinas bem delimitada; em contraposição a um currículo genérico, com grandes áreas do conhecimento, borrando fronteiras e diluindo as especificidades das disciplinas, como se observa após a reforma de 2017. Assim, a distribuição de livros didáticos de Sociologia para todas as escolas de ensino médio do país durante o período de 2012 a 20218, interferiu e influenciou o currículo e as práticas docentes, por isso eleger esse material/objeto cultural e didático como ponto de referência para captar a forma e o conteúdo dos novos códigos que poderão se desenhar com a passagem do meio livro para o meio digital.

Outra marca maior dessa diferenciação é o Novo Ensino Médio (NEM), assunto que iremos tratar ao final do artigo de forma breve e no intuito de evidenciar o nível da atuação do novo código digital.

**Quadro 3** – Canais do Youtube com conteúdo de Sociologia

Brasil Escola	Gabriella Andrade	Matemática no Papel	Rojú Soares
Canal do Cortella	geo ilustrada	Mateus Salvadori	Ruivando Alto
Canal Humanoz	Glauco Werneck	Mwana Afrika	salviano feitoza
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra	GR6 EXPLODE	O Físico	Se Liga - Enem e Vestibulares
Curso de Direito - Unicruz	Gustavo Gois Advocacia	O Sagrado Das Coisas	SENAI Nacional
Davi Oliveira - Física 2.0	Hip Hop Sou Eu	Orientação Marxista	Simplemente Direito Civil
Descomplica	História ao Quadrado	Parabólica	Sociologia Animada
Diacrônico   História, Sociologia e Filosofia	História é massa!!!	ProEnem - Enem 2023	Sociologia com a Gabi
Diálogos da Extensão Popular	História PUC Minas	PROF. MARCOS HENRIQUE AMARAL	Sociologices
Doxa e Episteme	IFCH UNICAMP	Prof: Sergio Mauricio Mauricio	Tatiane Donato
Duarte Moral Advogados	Ikorê Produções	ProFê	Teosofia RS Loja Teosófica Jehoshua
É Isso! - com Marco Evangelista	Imponderáveis da Vida Real	Professor Boaro	THAIS DO NASCIMENTO SILVA
Elaborando Projetos - Sociais e Culturais	IndustriALL_GU	Professor Eldo	TV Boitempo
Engenheiros do Hawaii - Topic	Iuri Farias	Professor Mauricio	TV Oficina
Epifania Disruptiva	JOEL BASTOS	Professor Octavio	Ubiratangeo Professor
Estuda FQ - Prof. Marco Pereira	Juliana Palú	Professora Thenily	Via Rápida
Evolucional	Lac Concursos - Principal	Rafael Esteves	Vinicius Pereira
Fibo Conceito	Lavínia Ramos	Ricardo Seidenthal	Vladimir Safatle 5033 - PSOL-SP
Física em Minutos	Liana Dorneles	Róber Iturriet Avila	Vogue Portugal

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Os canais não necessariamente publicam conteúdos relacionados às Ciências Sociais, contudo, seja pelo título do vídeo, pelas *tags* utilizadas, ou pelo próprio algoritmo do Youtube,

eles constam nessa lista. Fazendo uma análise dos vídeos, utilizamos as categorias de tipos ideais que construímos e encontramos os dados abaixo:

**Quadro 4** – Número de vídeos de acordo com as categorias de tipos ideais

<b>Tipos ideais de vídeos no Youtube</b>	
Escola Simulada	24
Montagem audiovisual	11
Musical	3
Transmissões ao vivo	4
Vídeo institucional	4
Vídeos animados	9
Vídeos institucionais	14
Vlog Explicativo/Opinativo	8
<b>Total Geral</b>	<b>107</b>

**Fonte:** elaborado pelo autor.

O número total do quadro acima é superior a 100, que foi o número de vídeos analisados, pois alguns deles foram enquadrados em mais de um tipo ideal. Assim sendo, escolhemos como exemplo da análise o segundo termo de pesquisa – “formas de dominação” – para demonstrar como foi realizada a aplicação de todo esse corpo teórico construído até agora. Demonstramos como foi possível relacionar os tipos ideais com os princípios dominantes do atual dispositivo pedagógico, que evidenciamos anteriormente.

**Quadro 5** - Vídeos encontrados no Youtube com o termo “Formas de Dominação”

Nome do Canal	Ano de criação do canal	Título do vídeo	Data de publicação	Minutagem	Tipos ideais dos vídeos no YT
Canal Humanoz	2012	Tipos de Dominação - Max Weber	15/08/2020	1m56s	Vídeos animados
ProEnem - Enem 2023	2014	Live   Max Weber: Tipos de Dominação   Prof. Leandro Vieira	03/10/2019	11m19s	Escola Simulada

Evolucional	2013	Weber: tipos de dominação	09/12/2015	3m34s	Escola Simulada
Sociologia Animada	2018	Max Weber - A legitimidade e a dominação	30/08/2018	5m18s	Vídeos animados
TV Oficina	2008	Três tipos de dominação de Max Weber	05/12/2019	7m06s	Escola Simulada
Sociologices	2020	Os três tipos puros de dominação legítima   MAX WEBER	21/09/2020	9m16s	Vídeos animados
Doxa e Episteme	2011	Os Tipos de Dominação segundo Max Weber	21/03/2020	9m39s	Montagem audiovisual
ProFê	2020	Max Weber Poder   Formas de dominação	31/07/2020	16m27s	Vlog Explicativo/Opinativo
Vinícius Pereira	2013	Max Weber   Poder e Dominação	01/08/2017	4m32s	Montagem audiovisual
Evolucional	2013	Weber: poder e dominação	09/12/2015	3m33s	Escola Simulada

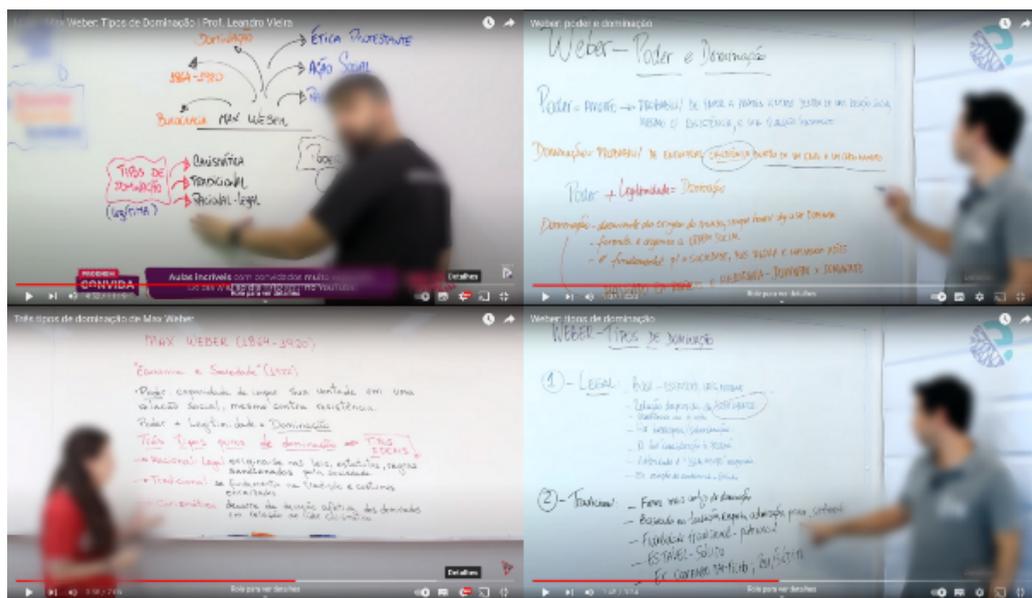
**Fonte:** elaborado pelos autores.

O primeiro destaque que podemos observar no quadro acima são as categorias de vídeos encontrados: quatro vídeos de escola simulada, cinco de vídeos animados e apenas um de vlog explicativo/opinativo. A pouca diversidade de categorias pode ser explicada pelo conteúdo suscitado pelo termo pesquisado. O termo “formas de dominação” remete a um debate muito presente na Sociologia da Educação básica, a saber, o objeto de estudo dos autores clássicos da Sociologia – Durkheim, Marx e Weber. Portanto, a classificação é tão marcadamente forte, ou seja, característica de uma área específica do conhecimento, que mesmo em um ambiente digital diversificado, os resultados trazidos pela busca foram direcionados ao campo originário do debate.

O segundo destaque é a recontextualização do discurso pedagógico presente nos vídeos. Todos eles realizam um caminho teórico para chegar ao conceito de dominação de Max Weber, passando pelos conceitos de política, poder, violência, legitimidade e até o debate metodológico weberiano sobre tipos ideais. Conjuntamente a esse rigor teórico, há uma preocupação didática na apresentação, utilizando tópicos no quadro branco e desenhos, vídeos e imagens digitais que reforçam a explicação, bem como o uso de exemplos de eventos cotidianos e históricos.

Os vídeos da categoria “escola simulada” não diferem muito entre si. Quatro deles são publicações de canais que têm como objetivo o preparo para vestibulares e ENEM (ProENEM – Enem 2023, Evolucionar e TV Oficina), assim, as similaridades são grandes. A começar com a escolha do enquadramento da câmera, deixando o(a) docente em primeiro plano – em plano médio ou plano americano – e o quadro branco ao fundo.

**Figura 5 -** Montagem com vídeos encontrados a partir do termo “tipos de dominação”



**Fonte:** elaborado pelos autores.

A construção do conteúdo no quadro branco ilustra o processo de recontextualização pedagógica ao observarmos a escolha de palavras-chaves e de esquemas para facilitar a compreensão do conteúdo, o destaque dado para cada um dos tipos ideais de dominação, as definições de poucas linhas de um conceito específico e a listagem de características de cada um dos tipos ideais. Esta coincidência não é fortuita, pelo contrário, ela revela a compreensão da sintaxe de realização e de geração pelos docentes responsáveis pela elaboração do

roteiro/plano de aula e que, ao nosso ver, é muito semelhante àquele presente no contexto comunicativo da escola.

Em função disso, intitulamos essa categoria como “escola simulada”, mesmo que estejamos no Youtube e no digital, esses vídeos indicam a existência do código do processo de recontextualização que acontece na escola, e não especificamente o do código digital do discurso pedagógico do século XXI. Além disso, parece-nos que vídeos desse teor são vestígios de um código de um currículo que já não existe mais e, portanto, vídeos assim são como uma resistência a um processo de transformação que tende a caminhar em direção a uma regionalização e generalização, em vez da concepção de currículo de coleção.

O terceiro destaque a partir destes resultados é a presença de três vídeos na categoria “vídeos animados” e dois na categoria “montagem audiovisual”. Assim como o formato “escola simulada” é uma estratégia de abordagem de conteúdos de educação, percebemos que vídeos de desenhos digitais e manuais também se consolidam como uma tendência para estes fins.

Os vídeos dos canais “Canal Humanoz” e “Sociologices” utilizam plataformas digitais on-line de produção de vídeos animados nas quais existem desenhos, animações e efeitos padronizados que são escolhidos e organizados a partir dos interesses do criador de conteúdo, portanto, mesmo que os recursos e fontes sejam os mesmos, os vídeos prontos são sempre inéditos.

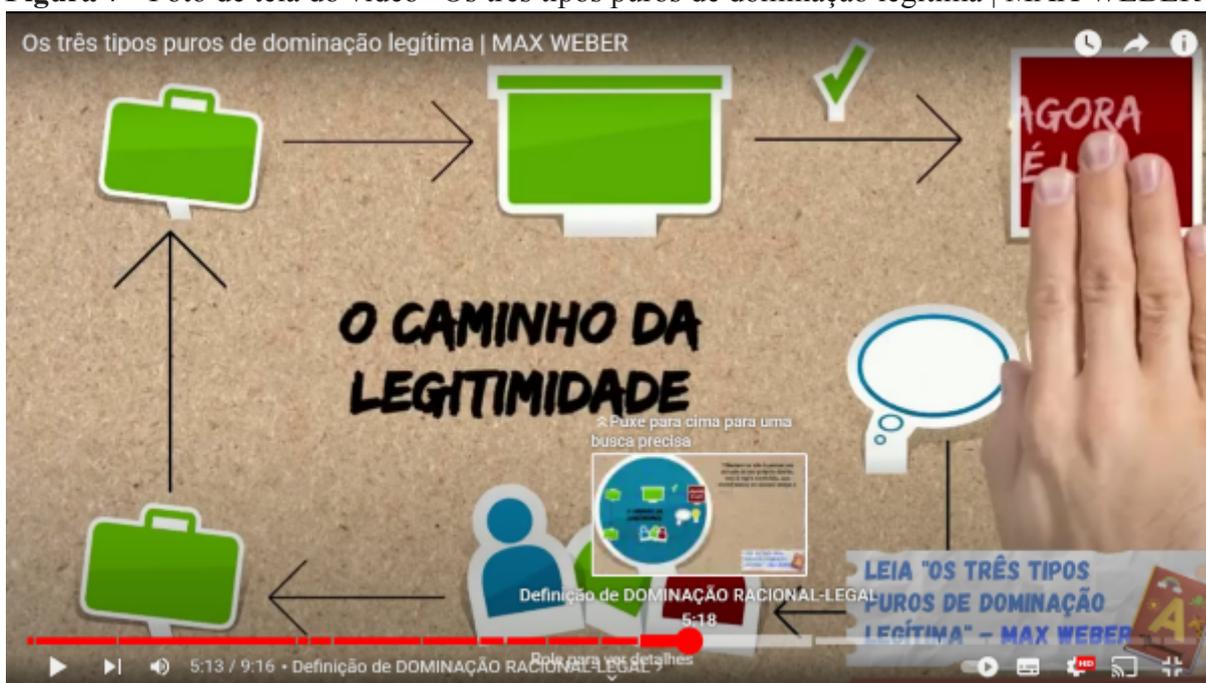
**Figura 6** - Foto de tela do vídeo “Tipos de Dominação - Max Weber” e do site indicado pelo canal



**Fonte:** elaborado pelos autores.

Já o canal Sociologices demonstra conhecimento dos princípios interativos e localizacionais do Youtube separando o vídeo em pequenos trechos para facilitar a navegação do espectador pelo conteúdo do vídeo. Na figura abaixo é possível visualizar a barra de rolagem do vídeo fragmentada, sendo possível repousar o cursor do mouse sobre o fragmento e saber qual o conteúdo do trecho em questão.

**Figura 7** - Foto de tela do vídeo “Os três tipos puros de dominação legítima | MAX WEBER”



**Fonte:** elaborado pelos autores.

Sobre a categoria “montagem audiovisuais” temos dois vídeos distintos. Um deles é do canal Doxa e Episteme que utiliza a técnica da narração em off, que consiste na leitura do roteiro acompanhada de alguma imagem, podendo ser vídeos, fotografias, desenhos etc. No caso do vídeo “Os Tipos de Dominação segundo Max Weber”, são utilizados vídeos de repositórios on-line, trechos de filmes, shows, eventos históricos que condizem e reforçam aquilo que está sendo lido.

O outro vídeo é o intitulado “Max Weber | Poder e Dominação” que, conforme consta na descrição do vídeo, é um trabalho escolar realizado por uma turma do Instituto Federal Sul de Minas (IFSULDEMINAS) – Campus Passos. Os estudantes utilizaram a narração em off combinada com apresentação de imagens com efeitos de transição.

Por fim, temos o único vídeo na categoria vlog explicativo/opinativo, intitulado “Max Weber|Poder| Formas de dominação”. Como afirmamos anteriormente, neste formato os

vídeos utilizam maior minutagem para expor suas ideias e reflexões. O vídeo em questão possui 16 minutos e 27 segundos e, assim como os outros, também realiza um percurso teórico até alcançar o conceito específico. Podemos observar a utilização de letreiros digitais para enfatizar partes da fala da criadora, visto que, mesmo seguindo um roteiro, a explicação lembra um diálogo com o espectador.

### **AS MUDANÇAS NO CÓDIGO DIGITAL NO YOUTUBE: RECONTEXTUALIZAÇÕES ENTRE PLATAFORMAS DIGITAIS E TRADICIONAIS (CURRÍCULO- BNCC, NEM)**

A partir dos vídeos analisados, há alguns pontos que merecem ser observados. O primeiro ponto foi o processo de recontextualização dos vídeos. Antes da criação dos vídeos, o conteúdo já foi recontextualizado, seja por uma agência contextualizadora, ou pelo corpo docente que transmite o conteúdo em sala de aula; contudo, quando o vídeo é postado no Youtube, mais uma recontextualização é feita, agora de acordo com os princípios interativos e localizacionais deste contexto comunicativo. Entretanto, como vimos, esse último movimento não foi suficiente, em muitos dos vídeos analisados, para alterar profundamente o conteúdo apresentado, ou seja, o código digital não modificou o código elaborado, ou seja, o conceito e teoria das Ciências Sociais e outras áreas. Isso não significa dizer que o código digital não existe, ao contrário, conseguimos constatar que a força da gramática do dispositivo pedagógico do século XXI está atuando em outra frente e espaço. O que está determinando os vídeos no Youtube de Ciências Sociais é um código anterior ao contexto digital.

O segundo ponto é justamente esta diferença entre os currículos que os códigos podem gerar. Todo o debate sobre dispositivo pedagógico no modelo de Bernstein (1996) serve para compreender as relações sociais implícitas, e às vezes invisíveis, na elaboração dos currículos escolares. Neste sentido, podemos dizer que o código digital implica em um currículo integrado, seja nos princípios genéricos ou gerais, enquanto o código “pré-digital” pode implicar em um currículo de coleção, ou seja, mantém-se ligado ao conteúdo das disciplinas.

O terceiro ponto são as aparentes intenções pedagógicas dos vídeos. A maioria deles tem profunda relação com a educação formal, tanto na condição dos criadores e apresentadores (docentes) dos canais e vídeos, quanto no caráter dos conteúdos transmitidos (conceitos, teorias, autores, temas etc.). De outro lado, em sua minoria, estão vídeos com viés

ideológico mais evidente e que estão contidos em um processo educativo informal, ou seja, não necessariamente ligado à formação básica ou acadêmica do indivíduo que assiste. Neste sentido, observamos um padrão naqueles vídeos com intenções pedagógicas: um código elaborado é explicado a partir de códigos restritos, com cuidado para se adequar aos princípios interativos e localizacionais do contexto pedagógico, existindo uma transposição entre os contextos. Essa transposição é mais facilmente realizada de acordo com o tempo de contato que o transmissor tem nos contextos pedagógicos em questão. Isso significa dizer que, um professor que leciona há bastante tempo no chão da escola, não necessariamente terá êxito na criação de vídeos no Youtube, porém, como vimos, o conhecimento do código “escolar” é dominante nos vídeos publicados.

O quarto e último aspecto é a existência dos conflitos de classe no código digital, evidentes no tamanho dos canais e nos marcadores sociais dos apresentadores dos vídeos. O dispositivo pedagógico, conforme demonstrou Bernstein (1996), é uma luta para determinar a gramática dos discursos que formarão os indivíduos daquela sociedade, assim sendo, a disputa de poder é intrínseca à elaboração do currículo, bem como na elaboração dos princípios que regem a classificação, o enquadramento, o contexto comunicativo e os textos privilegiados.

Isto posto, podemos constatar que: os vídeos no Youtube analisados indicam a existência de um currículo diferente do que está posto após a implantação do Novo Ensino Médio, em 2022, portanto, são vestígios de um dispositivo pedagógico que foi alterado; é possível transpor a gramática dos códigos entre os contextos comunicativos, porém, isso não garante a posição dos agentes neste novo contexto; por fim, os princípios dominantes não se apresentam, ainda, atuantes no conteúdo dos vídeos, ainda no registro pré-digital, diferente da proposta de currículo da BNCC de 2018 e dos referenciais curriculares implantados no país em 2022.

## **A REFORMA DO NOVO ENSINO MÉDIO E AS POSSÍVEIS MUDANÇAS NO CONTEÚDO DIGITAL**

As produções audiovisuais no Youtube que analisamos são como vestígios e registros de um outro currículo que não está mais presente na educação básica no Brasil (2021-2022). A forte classificação e enquadramento, os códigos elaborados, a recontextualização muito semelhante de conceitos e teorias, tudo isso indica uma organização curricular escrita em uma outra gramática, ou seja, com base em outro dispositivo pedagógico. A escolha metodológica

que encontramos para estabelecer os termos de pesquisa no Youtube – utilizar os livros didáticos do PNL D de 2018 – foi, além disso, um reforço para essa nova hipótese que estava se desenhando: os princípios dominantes do código digital estão atuando na reformulação do currículo e não na produção dos vídeos presentes no Youtube. Ao contrário, os vídeos postados e analisados no período da nossa coleta de dados, são uma memória viva de um currículo formal, que foi modificado e implementado nas escolas após 2021.

O currículo novo é aquele construído com base no que ficou conhecido como Reforma do Ensino Médio (Moraes et al, 2022), um movimento que acontece em dois atos: primeiro, o estabelecimento de uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e segundo, a consolidação de um Novo Ensino Médio (NEM).

O NEM, propõe uma reformulação radical da última etapa da educação básica. O aumento ambíguo de carga horária possibilitou a diminuição das disciplinas “clássicas” – aquelas de forte classificação de um currículo de coleção – para dar lugar a componentes genéricos e confusos (Moraes, 2020) (Silva & Neto, 2020). Essa fluidez e diluição é muito semelhante aos critérios de perfilagem que domina as plataformas digitais por meio da personalização e filtragem de conteúdos. Uma vez que os componentes são pulverizados e multiplicados, o controle é mais rígido sobre o ritmo, conteúdos e metodologias, pois, como não há classificação e enquadramento fortes, o que garantiria um controle endógeno a partir da área do conhecimento, resta um conhecimento governante externo ao componente (Silva & Neto, 2020).

Nos primeiros meses de 2023, dentro dos 100 dias do terceiro mandato do governo Lula (2022 -), o debate sobre o NEM ganhou novo fôlego. Como esse modelo de Ensino Médio foi proposto em 2016 no governo golpista de Michel Temer (2016 – 2019), a sociedade civil organizada pressionou, desde a instauração do governo de transição do governo Bolsonaro (2018 – 2022) para o atual governo Lula, para a revogação do NEM. O debate ganhou a agenda midiática em virtude das ações organizadas dos movimentos sociais e por conta de manifestações espontâneas de adolescentes insatisfeitos com a implementação do NEM.

Quais são os problemas encontrados na aplicação do NEM nas escolas? Por ter ganhado a agenda pública, os diversos jornais (impressos e digitais) e portais de mídia realizaram levantamentos, por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), sobre o processo de realização do NEM nas escolas do país. Os estudantes de escolas menores e públicas, segundo esses dados, terão menores oportunidades e acesso a conhecimento em relação

àqueles de escolas maiores e particulares. Além disso, a falácia da liberdade de escolha de itinerários esbarra e cai por terra quando encontra a falta de professores e a falta de infraestrutura para suportar a oferta de diversos itinerários.

Diante dessa disputa por revogação ou manutenção perpetrada pelas agências e agentes do campo de produção e de controle simbólico, as plataformas já tomaram uma posição. Especificamente o Youtube, em março de 2023, realizou uma formação aos produtores de conteúdo da plataforma sobre como adequar os conteúdos educacionais à BNCC, com o título “A reformulação do Youtube Edu: o trabalho da UNESCO e as etapas do projeto” onde o Youtube caminha para acompanhar as mudanças geradas pela BNCC e NEM no Brasil. Farão isso adequando as playlists de conteúdos na seção Youtube Edu da plataforma. Essa modificação possui dois efeitos práticos: a) a curto prazo, o algoritmo pode favorecer vídeos que tenham como referência a classificação fraca do currículo integrado proposto pelo NEM; e b) a longo prazo, a diminuição da presença de vídeos com classificação forte, diminuindo a taxa de entrega dos vídeos dessa gramática já postados na plataforma, com tendência ao desaparecimento na imensidão de minutagem diária que o Youtube recebe.

Nesse contexto, é questão de tempo para que esse retrato das Ciências Sociais no Youtube, que conseguimos capturar com a pesquisa, seja totalmente modificado e diferente nos próximos anos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa procurou apreender o movimento de criação de novo código pedagógico e pôde registrar um momento de intensas modificações no campo oficial de recontextualização pedagógica (COR), ou seja nos Governos federal e estaduais; e no campo de recontextualização pedagógica (CRP), ou seja, nas escolas e nas plataformas digitais. Observando os conteúdos das ciências sociais/sociologia foi possível indicar possíveis encaminhamentos para a configuração e estruturação do discurso pedagógico na era do capitalismo de vigilância.

## REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. **Educação Global S.A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2020.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico:** classe, códigos e controle. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BUCHER, Taina. Neither Black Nor Box: Ways of Knowing Algorithms. In: Kubitschko, Sebastian; Kaun, Anne (orgs.) **Innovative Methods in Media and Communication Research.** Palgrave Macmillan, Cham, 2016.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism.** Stanford, California: Stanford University Press, 2019.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

KWET, Michael. **Digital colonialism: US empire and the new imperialism in the Global South.** *Race & Class*, v. 60, n. 4, p. 3-26, 2019.

KWET, Michael. Operation Phakisa Education: **Why A Secret?** Mass Surveillance, Inequality, and Race in South Africa's Emerging National E-Education System. SSRN, dez., 2017. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3672408> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3672408>.

MAÇAIRA, Julia Polessa. **O ensino de sociologia e ciências sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), 2017.

MORAES, Carmem S. V. et al. Reforma Do Ensino Médio: A Institucionalização Do Apartheid Social Na Educação. In: **Educação & Sociedade**, 2022, no. 43, pp 1-8.

PASQUALE, Frank. **The black box society:** The secret algorithms that control money and information. Harvard University Press, 2015.

SILVA, Ileizi L. F.; ALVES NETO, Henrique Fernandes. **O processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil e a sociologia (2014 a 2018).** *Revista Espaço do Currículo*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 262–283, 2020.

SOUZA, Agnes Cruz. **A sociologia Escolar: imbricações e recontextualizações curriculares para a disciplina.** Tese de doutorado da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara, Araraquara-SP, 2017.

SOUZA, Agnes Cruz. **Sociologia escolar e recontextualização curricular: os livros didáticos e o ENEM.** São Paulo: editora Dialética, 2022. EPUB

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas.** Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SRNICEK. **Platform capitalism.** Malden, MA: Polity Press, 2016.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.